AUTOR:

José Manuel Constantino ¹¹ Presidente do Comité Olímpico de Portugal<https://doi.org/10.5628/rpcd.16.S1.79>

Foi Jorge Bento que tomou a iniciativa de indicar o nome de Alfredo Faria Junior para receber a outorga do título de Doutor Honoris Causa. Título de Doutor Honoris Causa que Jorge Bento, ele próprio, angariou pela Universidade Federal do Amazonas (2007) e pela Kasetsart University, de Bangkok, na Tailândia (2012).

Jorge Bento nasceu em Bragada, uma pequena aldeia em Trás-os-Montes.

Aqui, o vento assobia e canta, o sol queima e a lua arde, inspirando a ter, lavrar, colher e exceder atitudes e posições crestadas e desassombrada (BENTO, NO FACEBOOK EM 08/08/2015.)

Quem conhece Bragada, quem teve o privilégio de beber o vinho novo no dia de São Martinho e saborear castanhas assadas na lareira de Pedra, numa aconchegante casa típica da região, reconhece a cepa, o tronco da videira, as vinhas e as uvas que amassadas pelos pés de gente simples, de imensa generosidade e imenso valor humano, sustentam a história de vida do Professor Jorge Olímpio Bento. Um Vinho do Porto Tinto de 1946, de região demarcada. Um vintage. E sabem todos aqueles que cultivam a história do Vinho do Porto que em 1946 deu-se uma safra especial de vintages.

Em Jorge Bento há muita força e resistência. Talvez mais do que flexibilidade. São suas características. Como uma árvore cujo caule foi replantada na cidade do Porto onde floruiu e frutificou. Sementes se espalharam, principalmente pelo mundo lusófono e são cultivadas no Brasil (de norte a sul), África e Ásia.

Este livro, que temos a honra de participar em companhia de amigos queridos e personalidades relevantes na vida de Jorge Bento, detém em sua essência um paradoxo. É um livro de despedidas. Dia 25 de abril de 2016 Jorge Bento completou 70 anos. Ironicamente para quem, como ele, sempre desconfiou da rigidez dos critérios quantitativos todavia, teve que subjugar-se a lei que determina que aos 70 anos, independentemente de nossas qualidades, não mais servimos a Universidade. Assim, condena-se à sombra quem nasceu para brilhar. No auge de sua maturidade intelectual, no auge de sua produção pedagógica, filosófica, literária e militância política. Julgado culpado por completar 70 anos, tiram-lhe o direito de exercer sua cátedra de eminente pedagogo. Mas, temos a certeza que Jorge Bento não vai embora. Será sempre uma referencia presente. Sua história é marca indelével à vida da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Ainda vamos ler seus livros, ouvir sua voz bradando com energia sua paixão de ser professor. Ainda, muitas vezes, vamos celebrar em encontros fraternos sua paixão pela língua portuguesa, pelos livros, pelos amigos, pela família, pelo FC do Porto, pela vida...

Seguiremos juntos nossa missão de professor. Subiremos muitas vezes ao Alto D'Ouro, voltaremos à estação do Tua para brindar com seus excelentes vinhos e carnes de caça nossos sonhos e nossas realizações, com a alma em devaneio mirando as curvas do rio e sonhando com um mundo melhor.

Muito obrigado por tanta generosidade querido professor.

Nem sempre é fácil escrever sobre aqueles que conhecemos. Sobretudo quando nos ligam laços de amizade e cumplicidade construídos ao longo de muitos anos, por vezes em situações adversas.

Eu e o Jorge Bento fomos companheiros de muitas jornadas. De muitos combates. Uns que vencemos, outros em que saímos derrotados. Tínhamos algumas coisas em comum: origens humildes; pais que não tendo estudado e vivendo com dificuldades tudo faziam para dar um futuro diferente aos filhos. Vínhamos de baixo. Estudámos sempre a contar os trocos. Com eles saciávamos o amor aos livros. E procurávamos na nossa formação uma ascensão social que contrariasse as nossas origens. Carregávamos um sentido de justiça onde o mérito fosse premiado. Mas não eramos insensíveis ao tempo que vivíamos. Um tempo de mordida e de limites às liberdades. E, por isso, acompanhava-nos um sentimento de revolta que nos empurrava para uma afirmação cívica combativa num país mergulhado numa ditadura. Recordo com saudade esses tempos, feitos de muita ingenuidade e voluntarismo, mas também de utopias e causas que nos ajudaram a crescer.

O 25 de Abril e com ele a liberdade abriu-nos novos horizontes. A vida separou-nos fisicamente, que não emocionalmente. E fui testemunha de um percurso do Jorge Bento que o tornou um dos mais brilhantes da nossa geração. E, agora que pela lei da vida nos vai aproximando inexoravelmente do final da nossa caminhada, recordo com emoção um companheiro de luta e um amigo sempre presente. Um amigo que nunca me abandonou, sobretudo nas curvas mais difíceis que a vida tem.

Jorge Olímpio Bento personifica alguém que no seu percurso de vida desportiva, cívica e académica, primeiro como estudante e depois como docente, soube ver primeiro. Empenhou-se em criar pontes entre inúmeras instituições universitárias nos mais diversos pontos do mundo, precisamente através da dimensão universal e cultural do desporto, incorporando nesta missão os traços distintivos que revemos em alguns dos nossos mais distintos antepassados.

Devemos-lhe esse inestimável serviço que tem prestado ao desporto nacional e a Portugal, pois afirmou, como ninguém, as ciências do desporto no mundo lusófono, conquistando prestígio para esta comunidade científica.

Desbravou caminho e erigiu uma escola de referência na formação de profissionais de educação física e desporto prestigiada mundialmente.

Criou e consolidou uma perspetiva de análise holística das dimensões sociais, pedagógicas e culturais do desporto e do olimpismo enquanto fenómenos globais e objetos de estudo transdisciplinar, libertando-os de um quadro conceptual e epistemológico que durante décadas os agrilhou e menorizou no seio da Academia e do debate intelectual. O Jorge Bento deixa-nos um importante legado.

Os seus livros revelam-nos uma personalidade inquieta. A reflexão crítica sobre a realidade social do país coloca inúmeros escolhos a quem envereda por uma perspetiva de análise à margem dos cânones do politicamente correto que inundam o espaço mediático na convergência para um imparável tropismo de catalogar quem emite opiniões.

Se o autor for oriundo da área do desporto, e se focar em temas que se crê saírem fora desse âmbito, multiplicam-se os escolhos no caminho. Mas o Jorge Bento é transmontano e tem uma capacidade de resiliência que não é fácil derrubar.

E, por isso, aqui está. Combatendo e empunhando a palavra como arma.

Juntando a vasta experiência no contexto desportivo à solidez científica no âmbito das ciências sociais, prende-nos a atenção na abordagem singular com que nos projeta para fora da zona de conforto. Provocatoriamente celebrando os riscos e transcendendo os limites.

Afinal, é esse o papel do intelectual. Questionar a realidade. Confrontar-nos com dúvidas, perguntas e hipóteses sobre o que temos por adquirido. Desassossegar-nos. Desalojar os equívocos. Começar pelos mitos e com a crítica a esses mitos, conforme Karl Popper afirmou.

A capacidade de trilhar esse caminho de pedras e afirmar-se como um pensador único, com uma consciência crítica apurada e incisiva, num estilo singular que combina o conhecimento científico com uma vasta cultura literária forjada nas raízes telúricas do Douro, representam um traço incontornável na riqueza do trabalho intelectual do Jorge Bento. Um cultor da nossa língua, que usa com mestria na defesa daquilo que é porventura a última fronteira da nossa identidade. Perdida esta, não nos restará outra.

O Jorge Bento esteve sempre fora do catálogo. Não se arruma facilmente nas prateleiras que a nossa comodidade persiste em organizar. Dúvidas houvesse, os textos que aqui nos oferece reafirmam-no.

E é precisamente o desafio da permanente descoberta. Da inquietude perante o devir da sua pátria e das suas gentes que nos cativam a seguir a sua escrita, na ambivalência de sentimentos de incómodo e de frustração que impelem a não nos conformarmos com o que é dado por adquirido. Que nos inspiram no desafio de afirmar convicções e vincar a consciência do carácter perante o relativismo moral que amiúde nos assola.

Trata-se, afinal, da nossa identidade. Do penhor de uma cultura de séculos de história. Do vínculo incondicional por uma cultura lusófona que se projeta muito para além da cultura de expressão lusófona.

As palavras que nos lega revestem-se do testemunho de um percurso académico, científico e cívico também ele conquistado a pulso. Pioneiro e visionário. Em inúmeras ocasiões incómodo e em contraciclo com as tendências dominantes. Mas sempre lúcido, incisivo, combativo, sagaz e determinado. Ajudando-nos a ver melhor o que vemos.

Quando perscrutamos a memória desta nação, daqueles que a tornaram grande, constatamos que o fizeram na justa medida em que souberam ver mais longe e primeiro, à margem de interesses menores.

Assim, por ocasião desta homenagem que lhe é feita, miro em retrospectiva a notável dimensão de um percurso que tive o privilégio de acompanhar desde os primeiros momentos, grato pela determinação com que o autor nos continua a inspirar e em afirmar os princípios que nos movem num período particularmente conturbado e decisivo para o nosso futuro comum. Pois, tal como disse Miguel Torga, que ele tanto gosta de citar, “o mal de quem apaga as estrelas é não se lembrar de que não é com candeias que se ilumina a vida.”

Nos seus livros deixa-nos o seu testemunho. O seu legado. Afinal “escrever é ainda a melhor forma de sobrevivermos” como refere o antigo diplomata Marcello Duarte Mathias no Diário da Abuxarda (2007-2014).

Mas permitam-me finalizar com aquilo que está para além do reconhecimento (que tenho) do homem intelectual (que é) o Jorge Bento – até para além do seu percurso académico e de uma acutilância mental inquestionável – recentrando-me nos afetos, na companhia de uma vida de adultos, onde cada um trilhou o caminho como quis e pôde sempre a coberto de uma amizade que nunca se questionou, e que nunca soçobrou. É isso, ainda assim, aquilo que quero aqui realçar, que pretendo eternizar: a amizade que sempre nos uniu e que, naturalmente, hoje me enche de orgulho pelo lado pensante de Jorge Bento, mas acima de tudo, pelo Homem que ele sempre foi e o amigo com quem sempre contei. Obrigado, Jorge.

NOTA Escrevi este texto como prefácio a um livro de Jorge Bento em processo de publicação. Tendo-me sido solicitado pela Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, a propósito da homenagem que lhe é feita, um texto em que eu exprimisse o essencial de uma relação pessoal e profissional que mantive com o Jorge Bento ao longo de muitos anos, não encontrei melhor forma de o fazer do que recuperar este texto, adaptando-o ao contexto.